

WEF

Brasil perde em competitividade

País ficou em 72º lugar; estudo anual mostra os EUA como a economia mais competitiva

ROSANA HESSEL
SÃO PAULO

Em meio às intermináveis discussões sobre a prorrogação da polêmica e controversa Contribuição "Provisória" sobre Movimentação Financeira (CPMF) no Senado federal, o Brasil conseguiu novamente ser destaque como o país com uma das maiores cargas tributárias do mundo e, por conta disso, figurar entre as economias menos competitivas do globo, de acordo com a pesquisa anual divulgada ontem pelo World Economic Forum (WEF), entidade não-governamental sediada em Genebra, na Suíça, e que reúne a nata do empresariado mundial.



















De acordo com o ranking do "Índice de Competitividade Global 2007-2008", que avalia a percepção dos principais tomadores de decisão do cenário mundial, o Brasil ficou na última colocação em um ranking com 131 países na avaliação do quesito sobre a extensão dos efeitos dos impostos.

No ranking geral, o País ficou na 72ª posição entre 131 países, com nota 3,99 (a escala vai de 0 a 7), bem abaixo da classificação do ano passado, quando ocupou a 66ª colocação e teve nota 4,03.

Essa queda, no entanto, é minimizada pela economista sênior do WEF, Irene Mia, executiva responsável pela parte latino-americana do estudo. A economista informou que o WEF alterou a fórmula de cálculo da competitividade dos países neste ano, o que dificulta as comparações com os estudos dos anos anteriores. Segundo ela, foram incluídos nove novos países na pesquisa e quatro deles, Arábia Saudita,

RANKING GERAL

Índice de Competitividade Global 2007 (Notas de 0 a 7)

	País	Posição	Nota
	EUA	1º	5,67
	Suíça	2º	5,62
	Dinamarca	3º	5,55
	Suécia	4º	5,54
	Alemanha	5º	5,51
	Chile	26º	4,77
	China	34º	4,57
	Porto Rico	36º	4,50
	Índia	48º	4,33
	México	52º	4,26
	Rússia	58º	4,19
	Panamá	59º	4,18
	Costa Rica	63º	4,11
	El Salvador	67º	4,05
	Colômbia	69º	4,04
	BRASIL	72º	3,99
	Uruguai	75º	3,97
	Argentina	85º	3,87

Fonte: WEF

Omã, Síria e Porto Rico, ficaram à frente do Brasil.

"Logo, se o ranking fosse de 122 países, o Brasil teria perdido apenas duas colocações e teria ficado em 68º lugar", explicou a economista. Os outros cinco novos países que fazem parte da pesquisa são: Uzbequistão, Montenegro, Líbia, Sérvia e Senegal.

No entanto, o Brasil também ficou na lanterna entre os países do Bric, grupo das principais economias em desenvolvimento e também integrado pela China (34º lugar no ranking e um dos países que mais ganhou posições no ranking), Índia (48º) e Rússia (58º). No estudo anterior, a China ocupava o 54º lugar, a Índia, o 46º, e, a Rússia, o 62º.

Na classificação do estágio de desenvolvimento, o Brasil se encontra no nível interme-

diário, informou Irene. "Nossos indicadores mostram uma falta generalizada de confiança em instituições públicas, atribuída à falta de ética pública e à ineficiência burocrática relacionadas ao Estado. Também estamos preocupados com grandes deficiências no sistema educacional. O País somente conseguirá utilizar todo o seu potencial competitivo no momento em que enfrentar estes problemas diretamente", disse Irene no comunicado do WEF.

No contexto regional, o Brasil não conseguiu muito destaque apesar de ser a maior economia da América Latina. Ficou atrás de Chile, Porto Rico, México, Panamá, Costa Rica e Colômbia. De acordo com o professor Arruda, o Chile foi o país com melhor desempenho no ranking. Ganhou uma posição em relação ao estudo do ano passado e ficou em 26º lugar no ranking geral. O país governado pela socialista Michelle Bachelet fez várias reformas necessárias para que o empresariado reconhecesse a vantagem competitiva no cenário global, afirmou Arruda.

"O peso dos impostos brasileiros que é de 33% sobre o Produto Interno Bruto (PIB) colaborou para a perda de competitividade do País no cenário global na percepção dos empresários", explicou o professor Carlos Arruda, da Fundação Dom Cabral, um dos institutos parceiros na elaboração do relatório.

Já a Argentina, de acordo com o professor, teve um dos piores desempenhos gerais. Perdeu 16 posições, caindo do 69º lugar para o 85º.

Assim como Arruda, Irene reconheceu que o grande vilão dessa perda de competitividade do Brasil no entanto foi a elevada carga tributária. "Esse item teve um peso negativo muito forte na avaliação do País."

De acordo com o estudo, os três itens mais problemáticos para a realização de negócios no Brasil, na opinião dos entrevistados, foram: taxas regulató-

rias, com 18,2% das respostas, impostos (16%), e leis trabalhistas restritivas (12,2%).

Na Argentina, segundo o estudo, os fatores mais problemáticos foram: instabilidade política (com 23,9% das respostas), corrupção (13,1%) e leis trabalhistas restritivas (9,8%).

Na liderança do Índice de Competitividade Global, do WEF ficaram os Estados Unidos, que no ano passado estava na 6ª colocação. Com isso, o país tomou o lugar da Suíça, que ocupava a liderança do ranking de 2006. Na sequência, ficaram Dinamarca, Suécia e Alemanha. A Coréia do Sul, segundo Arruda, também teve destaque e saltou da 24ª colocação no ano passado para a 11ª posição.

As lanternas do ranking foram os países africanos: Moçambique, Zimbábue, Burundi e Chad (este com a última colocação). No ano passado, o último colocado foi a Angola.

Comente esta reportagem no portal www.gazetamercantil.com.br